



**PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Monday 20 November 2006 (afternoon)  
Lundi 20 novembre 2006 (après-midi)  
Lunes 20 de noviembre de 2006 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1. (a)

### Perdido Num Livro

Entrei pela porta de um livro e fechei-me lá dentro com as palavras acesas e as luzes apagadas. A minha mãe deu dez voltas à casa à minha procura. « Onde é que o miúdo se terá metido? » Com medo de ser encontrado, eu saltava das páginas pares para as ímpares e enrodilhava-me, feito bicho-de-conta, entre dois parêntesis ou, por ser muito magro, atrás de um ponto de exclamação.

5 Era a primeira vez na minha vida que eu me fechava dentro de um livro. Antes já me fechara dentro de um armário, na gaveta de uma cómoda; no sótão e na despensa. Agora, afoito e insensato, dava um passo de gigante no meu aventuroso destino de menino dos assombros, e escondia-me dentro de um livro, disposto a permanecer ali o tempo que fosse necessário até a minha mãe desistir de me procurar e até todos me darem definitiva e irremediavelmente como desaparecido.

10 O livro era agora o meu refúgio e a minha casa, uma casa onde tudo era imprevisível e estranho e onde as letras tinham espessura e cheiro como se fossem humanas. Confesso que me perdi lá dentro, como já antes me perdera no labirinto de esferovite do parque de diversões que animava os meses de Verão da minha terra.

– O que fazes tu aqui se não pertences a esta história? – perguntou-me um espadachim trajando a preceito, enquanto me apontava ao peito o seu aguçado florete.

15 – Nada, desculpe – respondi –, eu estou aqui de passagem, para fugir aos castigos da minha mãe. Se me tirar isso do peito, eu prometo que saio já do seu caminho.

– É esta a minha sina – ironizou o espadachim – só me aparecem cobardes pela frente. E agora até invocam as mães perseguidoras para escaparem à minha fúria primitiva.

20 Quanto tempo terei ainda de esperar para que me caiba em sorte o duelo que me dê a glória?

Claro que eu não sabia o que havia de responder-lhe. Eu nem sequer sabia que livro era aquele e que personagem era aquela que tentava agora trespassar-me com um afiado florete do mais fino aço. Quantas peripécias e sobressaltos me estariam ainda reservados no meu périplo de miúdo em fuga pelas páginas de um livro?

25 Perplexo e exausto, decidi mudar de capítulo, esperando encontrar uma etapa mais apaziguadora da narrativa. Mas enganava-me. Ainda mal me aventurara naquelas páginas desconhecidas quando dois cavaleiros galopando a toda a brida me obrigaram a saltar para a berma para não ser trucidado pelos cascos dos cavalos. Confesso que começava a sentir saudades da minha mãe, dos seus gritos ecoando pela casa enquanto me procurava, das punições injustas por abusos que eu não cometera. É verdade, tinha saudades da minha mãe, esperando-me à porta do quintal com chinelos e avental e com uma chibata de pôr atrevidos na ordem.

30 Eu entrara inadvertidamente naquele livro, mais pelo prazer da aventura do que pelo da leitura. Queria fazer uma partida à família e aquela pareceu-me ser a forma mais engenhosa e eficaz. Agora estava perdido dentro de um livro e não conseguia encontrar a porta que me devolvesse ao pequeno mundo do exterior onde estavam os brinquedos, os trabalhos de casa, os bichos-da-seda, os cromos do futebol e a minha fantástica colecção de conchas. Eu queria regressar e não podia. Sobretudo não sabia como.

José Jorge Letria, *A Mão Esquerda de Cervantes* (adapt), Portugal (1998)

- Interprete os encontros do narrador com as personagens.
- Explícite o sentido da pergunta que encerra o antepenúltimo parágrafo do texto.
- Explique o motivo por que o menino não consegue regressar ao mundo exterior (último parágrafo).
- No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

1. (b)

**Soneto I**  
***A meu Pai doente***

Para onde fores, Pai, para onde fores,  
Irei também, trilhando as mesmas ruas...  
Tu, para amenizar as dores tuas,  
Eu, para amenizar as minhas dores!

5 Que coisa triste! O campo tão sem flores,  
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas  
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas  
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

10 Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,  
Indiferente aos mil tormentos teus  
De assim magoar-te sem pesar havia?!

– Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim  
é bom, é justo, e sendo justo, Deus,  
Deus não havia de magoar-te assim!

Augusto dos Anjos, *Eu e Outras Poesias*, Brasil (1912)

- Confronte as dores do eu lírico com as dores do Pai.
  - A repetição é um recurso estilístico usado neste poema. Interprete-a.
  - Explique a expressividade das perguntas retóricas relacionando-as com o conteúdo dos seis versos finais.
  - No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.
-